

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT18.010

ESPAÇO CRIATIVO E SUBJETIVAÇÃO DE ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Maria Lígia de Aquino Gouveia¹

Jailma Belarmino Souto

Andressa Fernanda Albuquerque Barbosa da Silva²

Iêna Verônica Lucena Gomes

RESUMO

O lúdico, próprio da condição humana, abre possibilidades para elaborações subjetivas da história de vida dos sujeitos e para a relação com o saber no processo de escolarização. Partindo dos fundamentos teóricos psicanalíticos de Freud e Lacan, esse capítulo traz um relato de experiência de um projeto de extensão realizado em uma escola pública, com estudantes do ensino fundamental dois. O objetivo da atividade foi promover um espaço criativo, realizando oficinas, trabalhando de forma contingente para construções dos estudantes enquanto sujeito psíquico, social e cidadão. Esse projeto de extensão foi realizado semanalmente, durante um ano, fazendo circular a fala e a escuta através de atividades lúdicas (desenho, escrita, música, teatro e rodas de conversas). O público participante foi composto por 16 adolescentes matriculados no ensino fundamental de uma escola pública do município de Campina Grande - PB. No decorrer das oficinas foram abordados, como propostas dos adolescentes, temas relacionados a saúde mental

1 Professora do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, ligiagouveia@servidor.uepb.edu.br; jailma.psy@servidor.uepb.edu.br

2 Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, andressa.barbosa@aluno.uepb.edu.br; iena.gomes@aluno.uepb.edu.br

como depressão, ansiedade, projeto futuro, questões familiares e *bullying*, assim como o desinvestimento da instituição escolar e da relação desta como recurso para projeto de futuro. Com este trabalho destaca-se a importância da circulação de sentidos e os deslizamentos significantes, que se atrelam às identificações e aos lugares ocupados pelos estudantes no contexto escolar e em seus processos de vida.

Palavras- chave: Escuta; Adolescentes; Escola Pública

INTRODUÇÃO

A escola pública brasileira tem um longo histórico de descontinuidades de projetos, orquestrados por oligarquias, com frágil compromisso com os interesses e benefícios para o coletivo (Antunes, 2012). A cada tempo, da história da política educacional brasileira, se torna mais complexo o enfrentamento dos problemas estruturais que a envolve.

A universalização da educação no Brasil foi um processo gradual, apenas a partir da constituição federal de 1988 é que a educação básica passou a ser um direito de todos e dever do Estado e da família. Entretanto, a efetivação do direito universal a educação não chegou, em nenhum momento da história do Brasil, a ser realizado de forma eficiente.

No quadro atual, a taxa de frequência de crianças de 6 a 14 anos na escola é de 99,5% e, para adolescentes de 15 a 17 anos, a frequência é de 93,4%. Esse dado sinaliza uma queda, da infância para adolescência, de aproximadamente seis pontos da frequência a escola. Outro dado da escola pública brasileira que chama a atenção são os índices de aprendizagem que decrescem à medida que a escolarização avança, ou seja, os estudantes do ensino médio têm pior rendimento que os do quinto ano, por exemplo (Brasil, 2024).

Muitas das escolas públicas sofrem com graves problemas estruturais por não possuírem ligação na rede de esgoto, por precária ou inexistente conexão à internet, precárias ou inexistente bibliotecas (Todos Pela Educação; Fundação Santillana; Editora Moderna, 2025). Além disso, a realidade das famílias dos estudantes da escola pública brasileira é atravessada por muitas dificuldades, pertencem a famílias de baixa renda, muitos adolescentes precisam trabalhar, muitos dependem do transporte fornecido pelo governo e 40% dos pais têm ensino fundamental completo ou incompleto (INEP, 2024; IBGE, 2024; Todos Pela Educação; Fundação Santillana; Editora Moderna, 2025). Esse quadro marca uma violenta desigualdade sócioeconômico e cultural no país, com muito efeitos para a construção de projetos, para a saúde e a participação política de adolescentes.

Em pesquisa realizada sobre saúde mental, 34% dos estudantes do ensino fundamental e 40% do ensino médio, relataram dificuldades emocionais (Datafolha; Itaú Social; Fundação Lemann; Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2024). Apesar da circulação da temática da saúde mental de crianças e adolescentes ser intensa na atualidade, especialmente no contexto escolar, a ausência de psicólogos nas escolas e a dificuldade de acesso a serviços de saúde mental ainda é um fato no contexto brasileiro (Brasil. INEP, 2024).

Assim, em um contexto nacional marcado por desafios socioeconômicos, restrito acesso aos bens culturais, fragilidade do sistema educacional, sofrimento mental e difícil acesso a políticas de saúde mental, que horizontes se desenham para esses estudantes? Foi partindo dessa questão e pensando no papel da extensão universitária, que esse projeto foi traçado.

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), a extensão universitária tem como objetivo promover a interação entre a universidade e a sociedade, favorecendo a troca de conhecimentos e o desenvolvimento teórico, prático e social. A partir da perspectiva da psicanálise lacaniana aplicada à extensão — entendida como ampliação e diálogo com outros campos do saber —, este projeto foi desenvolvido em uma instituição escolar, em articulação com as áreas da educação e da assistência social, considerando que a escola pública brasileira faz parte de uma realidade social complexa.

Este projeto de extensão se fundamentou nas teorias de Freud e Lacan. O foco de análise desses estudiosos são os processos inconscientes. A psicanálise interroga o mal-estar na cultura, colocando em questão, o controle, a idealização e a coerência nos processos humanos. Freud inaugura o tempo da escuta ressaltando a singularidade de sentidos daquilo que está sendo enunciado, escutando as palavras, vendo nestas as vias de acesso ao inconsciente.

Para Lacan, em sua releitura da teoria freudiana, o inconsciente é estruturado como linguagem, esta tem um suporte material (acústico) e simbólico (conceitual) e segue uma lógica construída pelo próprio sujeito

(Lacan, 1998). Para o estudo do inconsciente, Lacan se inspirou nas produções da teoria linguística de Ferdinand Saussure, este postulava que o significado, atrelado a um significante, daria origem ao signo. Entretanto, para tratar dessa questão no campo do inconsciente, Lacan (1998) subverte essa associação significado/significante, conferindo primazia ao primeiro (o significante) na produção do segundo. Assim, para Lacan o significante prevalece sobre o significado, que lhe é secundário, e se produz somente a partir da articulação em cadeia.

A Educação considera o sujeito sob o viés da cognição, focando nas concepções relativas ao campo da Pedagogia. Dessa forma, a Educação estabelece suas ações e propósitos relacionados na concepção do sujeito da ciência, deixando pouco espaço para o sujeito do desejo, tal como é apontado no campo da Psicanálise. Sendo assim, as demandas dos adolescentes não são muitas vezes contempladas e a subjetividade deles, muitas vezes, não ocupa um lugar de importância no processo educacional.

As transformações ocorridas na puberdade convocam o sujeito a responder frente ao paradoxo transitório, fechamento do universo infantil e abertura às descobertas da vida adulta. Esse processo envolve a perda da identidade infantil e pode gerar luto pelo corpo antigo, além de causar estranhamento diante das mudanças biológicas e emocionais do novo corpo, que, para além do autoerotismo, busca gratificação na relação com o outro.

Para Philippe Lacadée, “a adolescência é, antes de tudo, um significante do Outro, que, desde o final do século XIX, serve para designar esse momento particular da vida, que resulta de um tempo lógico próprio a cada um” (Lacadée, 2011, p. 69). É um tempo que exige o reconhecimento identitário e a afirmação de escolhas singulares no processo de constituição enquanto sujeito; incluindo a separação subjetiva dos pares genitores (Aberastury *et al*, 2010).

A passagem da infância à adolescência se faz através de um processo de muitas mudanças. Na puberdade, o sujeito é convocado a lidar com sua incompletude e com as perdas e transformações do próprio corpo, do

luto das fantasias infantis e dos pais da infância, além da posição diante do sexual (Freud (1905/2017)). A puberdade exige novas identificações, novas escolhas, novas regras e o púbere terá que construir um novo saber e posição diante dessas mudanças.

Alguns temas e situações como sexualidade, suicídio, automutilação, problemas familiares, *bullying*, são, constantemente, associados à adolescência e, repercutem, na atualidade, dentro do contexto escolar e no processo de escolarização. Nesse sentido, os adolescentes lidam com uma grande carga emocional e precisam produzir nas atividades escolares. A psicanálise abre uma importante possibilidade para trabalhar no contexto educacional as questões dos adolescentes relacionadas a familiares, a rede de socialização e a escolarização, buscando contemplar o que está em jogo para cada sujeito nesse processo.

Na teoria Freudiana, o trabalho psíquico da adolescência compreende uma reedição edípica, em que o sujeito (re)vive e ressignifica as experiências da infância, essencialmente, no contexto familiar, dando lugar a uma nova rede de relações (Freud, 1905/2017). Frente à experiência presente de realização possível da sexualidade e dos ideais constituídos pelas identificações no Édipo, que o envolveram durante a infância, o adolescente se depara com novas questões a respeito do desejo e do ideal (Coutinho, 2015).

A partir de Freud (1914/2010), é possível afirmar que, enquanto na infância o sujeito é constituído a partir do ideal do eu de sujeitos que ocupam as funções paternas, que ele percebe encarnado nas suas primeiras figuras de idealização e de identificação na saída do

Édipo, a adolescência corresponde ao momento em que as idealizações começam a cair e que a ameaça de castração volta a aparecer. Dessa forma, o adolescente se encontra com o fracasso dos ideais infantis encarnados em seus pais e até mesmo em algumas figuras do entorno social, como por exemplo, os professores (Coutinho, 2015).

Com base no que foi exposto, evidencia-se a necessidade de que o adolescente possa (res)significar e falar sobre seu sintoma, implicando-se, assim, nos laços sociais estabelecidos na instituição educativa, especial-

mente nas relações entre os próprios adolescentes dentro e com a escola. O projeto “Tecendo dizeres e fazeres: oficinas criativas com estudantes de uma escola pública” teve como objetivo oferecer um espaço de fala, escuta e ressignificação aos estudantes, promovendo, a partir desse movimento, reflexões sobre questões levantadas pelos próprios participantes por meio de oficinas –desenhos, colagens, produção de objetos, música, jogos, rodas de conversa e outras práticas criativas. O trabalho buscou favorecer a circulação de sentidos e os deslizamentos significantes, articulados às identificações e aos lugares ocupados pelos adolescentes no contexto escolar e em seus percursos de vida.

METODOLOGIA

O projeto teve como objetivo geral oferecer um espaço de acolhimento à subjetividade dos adolescentes e às suas questões relacionadas ao contexto escolar, por meio de oficinas criativas e rodas de conversa.

Os objetivos específicos são:

- Proporcionar um ambiente em que os estudantes pudessem expressar-se sobre questões escolares, familiares e sobre o próprio processo subjetivo e singular de escolarização;
- Favorecer a circulação da fala entre os adolescentes acerca das vivências no espaço escolar e das relações que o atravessam;
- Oferecer momentos de escuta individual, com possibilidade de encaminhamento à Clínica Escola de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), quando se fizesse necessário.

O público participante foi composto por 16 adolescentes matriculados no ensino fundamental de uma escola pública do município de Campina Grande – PB.

As atividades foram realizadas semanalmente, no contraturno das aulas, com duração média de duas horas por encontro, ao longo de dois

semestres. As oficinas empregaram recursos variados, como música, desenhos, colagens, produção de objetos, jogos, textos e rodas de conversa, favorecendo a expressão criativa e simbólica dos participantes. Quando surgiram demandas específicas, foram realizadas escutas individuais. Todas as atividades foram registradas em diário de campo e analisadas em supervisão, com base nos referenciais teóricos da psicanálise.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das oficinas criativas e dos registros em diário de campo, realizou-se uma leitura psicanalítica à luz da teoria lacaniana. Durante os encontros, os participantes puderam se apresentar, falar de si, produzir desenhos e cartas, além de participar de jogos e dinâmicas grupais. Nessas experiências, emergiram narrativas marcadas por perdas, angústias, lembranças familiares e manifestações de sofrimento psíquico.

A psicanálise, ao se debruçar sobre o sujeito do inconsciente, busca compreender de que modo cada sujeito se constitui na linguagem, no campo do desejo e na relação com o Outro. A seguir, destacam-se alguns recortes significativos das oficinas e sua leitura teórica.

O NOME E O DESEJO: O SUJEITO INTRODUZIDO NO SIMBÓLICO

O primeiro encontro foi marcado pela proposta de que cada participante dissesse seu nome e algo de que gostava, inaugurando assim o espaço simbólico da palavra. Conforme Lacan (1953/1998), o nome próprio introduz o sujeito no campo da linguagem e do Outro, sendo a via pela qual o ser falante adquire existência simbólica.

Ao serem convidados a responder “o que os trazia à oficina”, os adolescentes se viram diante de uma falta — o “porquê” de estar ali — e é nesse vazio que o desejo se articula. Surgiram falas sobre “uma semana péssima”, “cansaço”, “sobrecarga” e “tristeza”. O simples ato de nomear e compartilhar já implica uma operação simbólica: ao falar, o sujeito se

localiza e se reinscreve no discurso, deslocando-se minimamente de seu sofrimento.

O DESENHO E A LEMBRANÇA: O REAL DA PERDA

Em um dos encontros, os participantes foram convidados a realizar desenhos sobre momentos felizes. Uma das produções retratava “um dia de praia em família”, lembrança associada às férias com os pais e tios já falecidos. O desenho apresentava sol, nuvens, arco-íris e coqueiros, todos pintados “para deixá-los bem coloridos”. A jovem o descreveu como “uma lembrança feliz em família”.

O colorido, o sol e o arco-íris podem ser compreendidos como tentativas de sutura de um real impossível de simbolizar: a morte dos tios e a ausência das figuras familiares. Em O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Lacan (1964/2008) define o real como aquilo que escapa à simbolização. O desenho, portanto, opera como uma metáfora do trauma – ao representar um momento feliz, o sujeito dá forma e cor ao que foi perdido, reinscrevendo simbolicamente uma falta que insiste.

Essa repetição não se reduz a uma lembrança nostálgica, mas constitui um trabalho de luto pela via simbólica, na acepção freudiana de elaboração (Freud, 1917/1996), retomada por Lacan como o movimento da cadeia significante que tenta contornar o real da perda. O tema da perda e das lembranças apareceu de forma recorrente ao longo das oficinas, evidenciando o esforço simbólico dos adolescentes em dar sentido à ausência.

A ESCRITA COMO ENDEREÇAMENTO AO OUTRO

Em outro momento, os participantes foram convidados a escrever pequenas cartas aos membros da família, inclusive aos tios já falecidos. Uma das adolescentes relatou sentir-se “aliviada” após escrever.

A escrita das cartas evidencia a função estruturante da linguagem como endereçamento ao Outro. Escrever é sempre dirigir-se a alguém – mesmo que esse Outro esteja ausente ou apenas imaginado. Segundo Lacan (1957/1998), o inconsciente é estruturado como uma linguagem, e a escrita configura uma forma privilegiada de inscrição simbólica.

Ao escrever, o sujeito encontra uma via para transformar o afeto em significante. O alívio relatado pela adolescente expressa o efeito da simbolização: o gozo sem nome se converte em palavra, e o sujeito passa de uma posição passiva de sofrimento a uma posição ativa de quem fala. Escrever aos mortos é, portanto, restaurar simbolicamente o laço com o Outro rompido pela morte – é produzir uma palavra onde o real se impõe como silêncio.

O JOGO E O LAÇO SOCIAL

As partidas de UNO – jogo de cartas proposto nas oficinas – funcionaram como espaço de descontração e, simultaneamente, de abertura da fala. O jogo, ao criar regras compartilhadas, possibilita a emergência de um laço simbólico e o relaxamento das resistências, favorecendo que algo do inconsciente se desloque.

Durante uma dessas partidas, uma adolescente relatou experiências marcadas pela violência e pela perda: a morte do pai, com quem mantinha forte vínculo afetivo, o desenvolvimento de um quadro depressivo e a vivência traumática em um serviço de saúde mental (CAPSi), onde se sentiu ameaçada e não acolhida. Também mencionou um episódio de agressão escolar que resultou em sua expulsão.

Outro estudante trouxe o relato da morte de figuras masculinas significativas – tio e avô – e os efeitos traumáticos dessas perdas. Relatou ainda crises de ansiedade e sentimentos de responsabilidade excessiva, assumindo o lugar de “homem da casa” e evitando compartilhar a própria dor para não entristecer a mãe.

Essas narrativas evidenciam a centralidade da função paterna como operador simbólico. A ausência ou fragilidade dessa função, conforme Lacan (1958/1998), pode expor o sujeito ao gozo do Outro, sem mediação, o que se expressa em sintomas, angústias e atos impulsivos. O grupo, ao oferecer um espaço de escuta e de palavra, possibilita uma reinscrição simbólica dessa função: os adolescentes experimentam a presença de um Outro que escuta, não como instância de punição, mas como endereço possível de fala.

O SONHO E O DESEJO

Uma das participantes compartilhou um sonho recorrente: encontrava-se em uma floresta iluminada, passeando com a família, incluindo os tios falecidos, em um ambiente agradável, “sem nenhum acontecimento ruim”.

O sonho pode ser compreendido como uma figuração do desejo – o desejo de reencontro com o objeto perdido. Lacan (1953/1998), ao reler Freud, mostra que o sonho é uma mensagem cifrada do inconsciente, uma tentativa de simbolizar o gozo e dar forma ao que escapa.

O caráter agradável da cena onírica revela um ponto de sublimação: o sujeito cria uma imagem harmoniosa para suportar o real da morte. A floresta e os animais compõem um cenário imaginário no qual o sujeito reinscreve, de forma simbólica, aquilo que o real arrancou.

A DESPEDIDA E O RECONHECIMENTO DO SUJEITO

No último dia das oficinas, observou-se que os adolescentes estavam vestidos como se fossem a uma festa – um gesto simbólico de encerramento e celebração. Durante o encontro, uma das estudantes, sorrindo e chorando, disse sentir-se triste “porque estava acabando”, afirmando que aquele era o espaço onde podia “conversar com alguém”. Relatou ainda que se sentia melhor e mais capaz de expressar o que sentia.

Outros estudantes manifestaram sentimentos semelhantes, destacando que o grupo lhes fazia bem, que conseguiam compreender melhor suas próprias emoções e que sentiriam falta dos encontros. Um dos meninos, que havia comparecido poucas vezes, mencionou sentir-se “escanteado” pela irmã e valorizava o espaço como um lugar onde era ouvido.

Esses relatos expressam o reconhecimento de que as oficinas funcionaram como espaço de palavra, possibilitando a experiência de ser sujeito. Lacan (1960/1998) afirma que o analista – ou qualquer função de escuta – ocupa o lugar do sujeito-suposto-saber: é na suposição de que há um Outro que escuta que o sujeito se autoriza a falar.

O grupo, assim, operou como um dispositivo de transferência, sustentando um espaço simbólico no qual a fala pôde circular e algo do inconsciente pôde se inscrever. O riso misturado ao choro, observado no encerramento, expressa o paradoxo próprio da experiência subjetiva: o entre-lugar do que se diz e do que escapa

DESEMPENHO E DESIGUALDADE

Os discursos dos estudantes apresentam um panorama complexo e sensível da vivência escolar. Neles, aparecem sentimentos de ansiedade, frustração e tristeza diante das demandas escolares e das cobranças externas – tanto familiares quanto institucionais.

Nota-se uma forte pressão em torno do desempenho nas provas, sobretudo no ENEM, que para muitos estudantes das escolas públicas representa uma oportunidade de mobilidade social. A fala “é difícil conciliar os estudos para o Enem com o estudo na escola” expõe um problema recorrente: a escola pública nem sempre oferece uma preparação alinhada às exigências dos exames nacionais, levando o estudante a precisar buscar, por conta própria, estratégias de estudo complementares – o que aumenta a sobrecarga e o estresse.

A ansiedade de desempenho aparece em diversas falas, associada ao medo de fracassar, à autodepreciação e à falta de autoconfiança. O “dar

branco na hora da prova”, “fico ansiosa na hora da prova”; “estudo mais mesmo assim tiro nota baixa”, sinalizando a importância do suporte psicológico e pedagógico. A ausência de políticas efetivas de acolhimento emocional dentro da escola pública agrava esse cenário, muitas instituições contam com poucos profissionais de apoio (como psicólogos e orientadores), e os professores, sobrecarregados, têm dificuldade em lidar com as dimensões afetivas da aprendizagem. Além disso, os relatos trazem à tona as cobranças familiares – “minha mãe cobra que eu tire nota boa” – e até violências simbólicas “meu pai diz: você nunca vai ser ninguém”.

Por fim, os depoimentos evidenciam a necessidade de repensar o papel da escola como espaço de acolhimento e desenvolvimento integral. A ênfase exclusiva em desempenho e nota tende a invisibilizar as desigualdades sócioeconômicas e os problemas estruturais da escola pública brasileira. O investimento em políticas públicas é fundamental para enfrentar esse complexo cenário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto foi desenvolvido em uma escola municipal, frente a uma demanda expressiva de saúde mental, educação e inclusão social. Muitos estudantes têm apresentado quadros de automutilação, ansiedade, depressão e baixo rendimento escolar.

Ao desenhar, escrever, criar, sonhar e falar, os adolescentes puderam reinscrever algo de sua história, encontrando uma forma singular de lidar com o real da perda e do sofrimento e das fragilidades da escola pública. A escuta sustentada pela ética psicanalítica – aquela que se orienta não pelo ideal de adaptação, mas pelo respeito ao desejo e à singularidade – possibilita o deslocamento subjetivo: do lugar de objeto do Outro (da família, da escola, da instituição) para o lugar de sujeito de desejo. O sujeito se constitui onde há palavra, e o ato de falar, já é, em si, uma forma de resistência.

Ao considerar a história da relação entre psicanálise e educação ao longo dos anos no Brasil, é possível destacar que ocorrem, constantemente, encontros e desencontros em um investimento de responder a demandas de acordo com o contexto político, social e cultural de cada época e, atualmente, o sujeito está sendo colocado em um lugar onde não há espaço para o sofrimento e nem para a sua singularidade, pois é necessário responder às determinações culturais em um estado rápido e satisfatório. Seguindo nessa lógica, o sujeito adolescente, que manifesta qualquer mal-estar ou sai do “comportamento” esperado como adequado, é silenciado ou enquadrado em manifestações ditas como patológicas que precisam ser solucionadas.

A escuta dos estudantes pontuam que, na escola pública brasileira, as desigualdades sociais, as cobranças familiares e a falta de suporte emocional se entrelaçam, produzindo um ambiente de ansiedade e frustração. A busca por bons resultados, sem o devido apoio afetivo e pedagógico, aprofunda o sentimento de incapacidade e desvalorização dos estudantes – um reflexo direto das contradições do sistema educacional brasileiro. Urge políticas que garantam espaços para escutá-los e mobiliza-los para acessar ou descobrir recursos para lidar com essa realidade.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; DORNBUSCH, A.; e et al. A adolescência e psicopatia: luto pelo corpo, pela identidade e pelos pais infantis. In MACEDO, Mônica Medeiros Kother; GOBBI, Adriana Silveira (orgs). **Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. 2. Ed.

ANTUNES, Mitsuko. A Psicologia no Brasil: Um ensaio sobre suas Contradições. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2012, 32 (num. esp.), 44-65.

BRASIL. Ministério do Planejamento e Orçamento; Ministério da Educação. **Relatório Educação Básica - PPA 2024-2027**. Brasília: MPO/MEC, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/planejamento/ptbr/assuntos/planejamento/planoplurianual/arquivos/relatorios-planejamentonacional/2024_12_13_educacao_basica_web.pdf. Acesso em: 22 out. 2025.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo Escolar da Educação Básica 2023**. Brasília, DF: INEP, 2024.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) 2023**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024.

BRASIL. INEP. **Censo Escolar da Educação Básica 2023: presença de profissionais de psicologia nas escolas públicas. Brasília, DF, 2024**. Disponível em: <https://www1.brasilemfolhas.com.br/2025/07/apenas-15-das-escolas-publicas-tem-psicologos-revela-censo/>. Acesso em: 25 out. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

COUTINHO, L.G, **O adolescente e a educação no contemporâneo: o que a psicanálise tem a dizer**, Cad. Psicanálise. -CPRJ, Rio de Janeiro, v. 37, n. 33, p. 155-174, jul. /dez. 2015

DATAFOLHA; Itaú Social; Fundação Lemann; Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). **Saúde mental de estudantes pós-pandemia: desafios e perspectivas**. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.reddit.com/r/brasil-noticias/comments/x0szti>. Acesso em: 25 out. 2025.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. (Obra original publicada em 1905).

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obra original publicada em 1914).

FREUD, S. (1917/1996). **Luto e melancolia**. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago.

LACADÉE, P. (2011). "O tempo gramatical da transição". In: O despertar e o exílio – ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência. Rio de Janeiro: Contracapa 2011.

LACAN, J. (1953/1998). **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**. In Escritos. Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN, J. (1957/1998). **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud**. In Escritos. Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN, J. (1958/1998). **A significação do falo**. In Escritos. Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN, J. (1964/2008). O seminário, livro 11: **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN, J. (1960/1998). **Subversão do sujeito e dialética do desejo**. In Escritos. Rio de Janeiro: Zahar.

STAZZONE, Roberto. O que um Psicanalista Deve Fazer na Escola? **Estilos Clínica**. vol.2 no.2 São Paulo, 1997.

TODOS PELA EDUCAÇÃO; Fundação Santillana; Editora Moderna, 2025).. **Anuário Brasileiro da Educação Básica 2025**: capítulo 12 – Infraestrutura escolar. 12. ed., São Paulo: Todos pela Educação; Fundação Santillana; Editora Moderna, 2025. Disponível em: <https://anuario.todospelaeducacao.org.br/2025/capitulo-12-infraestrutura.html>. Acesso em: 25 out. 2025.